

Seminário do DC aponta a inovação como fundamental

A inovação no contexto da pandemia do Covid-19 e como ferramenta de recuperação de empresas e mercados deu a tônica no primeiro painel do segundo dia da primeira edição do seminário #JuntosPelasEmpresas-DeMinas, promovido pelo DIÁRIO DO COMÉRCIO, em parceria com o Instituto Capitalismo Consciente Brasil, a Legacy 4 Business e a Business Tomorrow. Rapidez na tomada de decisão e uma estratégia que considere a inovação como fundamental foram apontadas pelos especialistas como pontos definitivos para que as empresas atravessem o período crítico da crise econômica. **Págs. 5 e 6**



Especialistas reunidos pelo DC discutiram saídas para superar a crise do Covid-19

#JUNTOSPELASEMPRESASDEMINAS

Inovar é o caminho para a recuperação

Tema foi debatido no segundo dia do *webinar* promovido pelo DIÁRIO DO COMÉRCIO

DANIELA MACIEL

O segundo dia da primeira edição do seminário *on-line* #JuntosPelasEmpresasDeMinas, promovido pelo DIÁRIO DO COMÉRCIO, em parceria com o Instituto Capitalismo Consciente Brasil e as empresas Legacy 4 Business e Business Tomorrow, foi composto por três painéis: “Novos Modelos de Negócios em Tempos de Mudanças”; “Os Desafios de Estar Bem nos Tempos Atuais” e “Construindo Legados”.

O objetivo do *webinar* é fornecer subsídios para promover reflexões sobre como podemos construir negócios melhores para uma sociedade melhor. Os painéis foram distribuídos em três trilhas de conhecimentos: “Inspirar e Propagar”; “Realizar e Transformar” e “Propósito e Legado”.

No primeiro painel, às 10 horas, a inovação no contexto da pandemia do Covid-19 e como ferramenta de recuperação de empresas e mercados deu a tônica do

encontro. Foram convidados: o diretor técnico na Neo Ventures, Vinícius Roman; o gerente-geral de Inovação, Novos Negócios e Açolab na ArcelorMittal, Rodrigo Carazolli; a presidente do Brain - Centro de Inovação em Negócios Digitais da Algar, Zaima Milazzo; e a gerente de Novos Negócios e Parcerias da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), Janayna Bhering. A mediação foi conduzida pela editora do DIÁRIO DO COMÉRCIO, Gabriela Pedroso.

Entre as muitas mensagens trazidas pelos painelistas estava a necessidade de desmistificação do próprio termo “inovação”. “Falamos de inovação em várias perspectivas, ela não precisa ser disruptiva pra ser inovação. E pode acontecer internamente ou com a ajuda de parceiros, a chamada inovação aberta”, explicou Roman.

Questionada sobre o que é preciso para mudar o ambiente de negócios para que

a inovação e o empreendedorismo possam ser alavancas de desenvolvimento do Estado, a gerente de Novos Negócios e Parcerias da Fundep, respondeu:

“Abertura cultural. No momento que as empresas percebem que não precisam ter uma inovação disruptiva, que se inovarem um pouco a cada dia terão um negócio inovador, tudo fica mais fácil. Nunca vivemos um cenário ao propício para a inovação aberta. Existe uma grande possibilidade de interação entre empresas agora. Criamos um manual básico na ACMinas (Associação Comercial e Empresarial de Minas) sobre termos que estão sendo muito citados sobre o tema inovação e que precisamos desmitificar essa relação entre empresas e universidades”, analisou Janayna Bhering.

Rapidez na tomada de decisão e uma estratégia que entenda a inovação como ferramenta fundamental foram apontadas pelos especialistas como pontos defini-

tivos para que as empresas atravessem o período crítico da crise econômica causada pelo novo coronavírus e que não podem, de nenhuma maneira, ser abandonadas no pós-crise.

“O Açolab é o primeiro laboratório de inovação de uma empresa de aço do mundo, com ele visamos gerar valor para a empresa, gerando competitividade e temos compromisso com o ecossistema. Queremos que o ecossistema de onde atuamos se fortaleça. Essa crise gerou novos comportamentos e valores que vieram pra ficar. Não vamos ser como éramos antes e nem como somos agora. A presença *on-line* vem pra ficar. Quem não acreditava está revisando seus planos. A digitalização dos processos internos está ganhando uma velocidade que não imaginávamos. Estamos descobrindo outros modelos de trabalho. De algum jeito é um momento de oportunidade. Novos modelos de negócios vão surgir e é

preciso estarmos atentos”, pontuou Carazolli.

Adaptação - Os pilares do Brain - Mudança e evolução do *mindset* de inovação; soluções próximas ao *core* das empresas; desenvolvimento de “avenidas tecnológicas” e desenvolvimento de novos negócios, podem ser apropriados por outras empresas adaptados às necessidades específicas de cada uma.

“Pensarmos o que será esse novo mundo pós-pandemia foi importante para repaginarmos o nosso portfólio de projetos. As empresas vencedoras vão eliminar custos excessivos e criar uma lista de projetos que vão formar o seu próximo modelo de negócio. E elas vão agir rápido. Entre as lições que aprendemos com essa crise e o surgimento de um novo normal, percebemos a intensificação das soluções compartilhadas; destaque para a cadeia de suprimentos; saúde e escritórios *on-line* e canais digitais essenciais”, destacou Zaima Milazzo.

Bem-estar ganha importância nos negócios

MICHELLE VALVERDE

A pandemia do novo coronavírus está provocando mudanças em diversos setores da sociedade e feito com que as empresas pensem em novos processos e formas para atender os clientes e os colaboradores de forma mais humanizada. A pandemia também provocou a aceleração de processos tecnológicos, como, por exemplo, a telemedicina, alternativa que poderá ser utilizada para dar agilidade e tornar os atendimentos mais confortáveis, evitar deslocamentos desnecessários e reduzir os custos com os planos de saúde, tornando-os mais acessíveis.

O assunto foi discutido, ontem, durante o painel "Os Desafios de Estar Bem nos Tempos Atuais" que integrou a programação do seminário #JuntosPelasEmpresasDeMinas, iniciativa do jornal DIÁRIO DO COMÉRCIO.

Durante o encontro virtual, o diretor de Provimentos em Saúde da Unimed-BH, José Augusto, ressaltou que

a empresa tem inserção significativa na sociedade com 1,3 milhão de clientes na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), o que faz com que a Unimed tenha grande responsabilidade neste período de pandemia.

Segundo ele, a Organização das Nações Unidas (ONU) define a saúde como um estado dinâmico de bem-estar físico, mental e social, porém, a população não tem essa visão, e avalia a saúde somente pelo bem-estar físico, visão que precisa ser modificada.

"Nesse momento de crise, o bem-estar social e mental passou a ser altamente importante e as pessoas pararam para refletir sobre a vida e da condição de saúde. A Unimed entendeu que desde o início da pandemia era necessário cuidar das três dimensões, não oferecendo somente a assistência hospitalar".

Além da contratação de pessoal, a empresa investiu na ampliação da rede de saúde, garantiu o pagamento de renda mínima de 70% aos médicos cooperados

e a hospitais parceiros, investiu em treinamento dos profissionais sobre a melhor forma de enfrentar a situação e oferece assistência psicológica para todos os profissionais da linha de frente de enfrentamento ao Covid-19.

De acordo com Augusto, diante da crise, se tornou fundamental que as pessoas, no momento de isolamento, tivessem comodidade e conveniência, por isso, foi implantada a consulta *on-line* e já foram feitos mais de 15 mil atendimentos. A plataforma e a tecnologia foram repassadas para Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) o que contribui para o atendimento de toda a população.

"Conseguimos, com todas estas ações, nos tornar uma empresa na qual as pessoas acreditam mais".

Ainda segundo o representante da Unimed, a pandemia provocará transformações na prestação de serviços de saúde e uma das modificações será o atendimento *on-line*, que poderá ser incorporado aos serviços.

"Assim como na alimentação e no transporte, a comodidade e a conveniência chegaram à saúde. As pessoas vão querer ser orientadas a distância, principalmente, por médicos conhecidos e vinculados e, esse tipo de assistência, confere um melhor resultado. Antes da pandemia, tínhamos dificuldades de oferecer este serviço e as pessoas tinham dificuldade em aceitar. Daqui para frente, este modelo pode ganhar espaço e será mais racional e econômico, podendo tornar os preços dos planos de saúde mais acessíveis para a população".

Conexão digital - As mudanças também atingem a telefonia. O diretor-geral da Vivo Minas Gerais, Renato Gomes, explica que a Vivo tem grande responsabilidade e já enxergava a transformação digital como essencial para aproximar as pessoas e prestar serviços. Em tempos de pandemia, a conexão digital se tornou mais que essencial, sendo importante para levar conhecimentos

de saúde, educação e entretenimento à população.

A empresa já desenvolvia várias ações internas de valorização, dos funcionários e das diversidades sejam sociais, étnicas, de idade ou gênero, o que foi importante para que no momento atual os funcionários se mantivessem empenhados.

"Quando chegamos nesse momento de crise, diferente e nunca vivenciado, estamos fortes e preparados internamente. Fizemos um trabalho forte de apoio aos funcionários, parceiros comerciais e provemos apoio financeiro para garantir que esse parceiro levasse a mesma política para toda a cadeia, o que nos fortalece".

Ainda segundo Gomes, a Vivo tem promovido diversas campanhas voltadas para o incentivo à convivência das famílias, estimulando as crianças a deixarem os eletrônicos para brincar. "São ações em que incentivamos a redução do uso dos serviços e estimulamos mais a convivência, tem tempo para tudo, e isso nos fortalece como marca", disse.

Humanidade precisa desacelerar

A importância do estímulo à convivência, à valorização humana e do bem-estar foi ressaltada pela Terapeuta Corporal Certificada Antiginástica, Jaqueline Saraiva. Segundo ela, a humanidade está muito focada em bens materiais, o que é resultado do capitalismo, mas, em relação ao bem-estar, a população está doente e precisa desacelerar, o que a crise provocada pela pandemia fez com que muitos refletissem sobre o problema.

“Crise significa mudança. Nesse momento, temos a constatação real de que todo ser humano tem que desacelerar e pensar de maneira diferente. O ser humano está distante das pessoas e da natureza e muito próximo às máquinas, o que gera cansaço, falta de energia e queda da produtividade. Enquanto a sociedade desacelerou, a natureza está se regenerando e nos apontando o caminho da mudança”.

Ainda segundo Jaqueline, é preciso construir um novo modelo onde a vida seja prioridade e o Capitalismo Consciente pode ser um caminho. “Nós, seres humanos, precisamos refletir. Se não está bom para a humanidade, não é bom para o indivíduo. É preciso que as pessoas cuidem uma das outras e da natureza. Só assim teremos uma sociedade digna, fraterna, plena e abundante”.

Para o CEO da Holos, *startup* de saúde integral, Gustavo Souza, um dos desafios das empresas e da sociedade para ampliar o bem estar é facilitar o acesso aos serviços de saúde mental, isso, devido ao alto índice de estresse, ansiedade e depressão que acomete grande parte população e provoca diversos problemas, inclusive na produtividade dos trabalhadores.

“Observando todos estes problemas nas corporações, vi que é necessário organizar e levar as terapias holísticas para dentro do mercado corporativo. De forma onde a gente consiga ajudar o funcionário e a equipe a reduzir essa estafa mental. As empresas, por outro lado, precisam investir nesse ecossistema e entender que trocar um funcionário que está com problemas, ao invés de proporcionar o tratamento, não é a solução, porque entrará outro com problemas também. Levar essas terapias às empresas e facilitar o acesso é o nosso trabalho, que tem gerado resultados muito positivos”, explicou.

Ele destaca que se a empresa quer manter a equipe saudável e produtiva é preciso investir na saúde mental. “A crise provocada pelo Covid-19 veio para mostrar a importância da saúde mental. Essa é uma pandemia da depressão e do medo, e vai gerar doenças. Vejo as empresas como agentes da transformação da sociedade, por darem vários recursos para a sociedade viver bem”. (MV)

#JUNTOSPELASEMPRESASDEMINAS

Construção de um mundo melhor passa por uma ampla aliança social

Empresas, executivos e sociedade devem se unir em prol de um bem comum

MARA BIANCHETTI

Entre os desafios impostos pela sociedade do século XXI está a adaptação dos modelos de negócios na entrega de resultados sem deixar de lado a colaboração para um mundo melhor. Esta é também uma premissa do Capitalismo Consciente, que propõe a empresas e empreendedores a repensem a maneira de vender, consumir e de se relacionar. Mas, e se ao invés de agirem isoladamente, companhias, instituições, entidades, executivos e sociedade se unissem em prol do bem comum?

A proposta foi apresentada e debatida por representantes de grandes empresas e instituições mineiras durante o painel de encerramento do *webinar* #JuntosPelasEmpresas-DeMinas, iniciativa do DIÁRIO DO COMÉRCIO. Com o tema “Construindo Legados”, os painelistas compartilharam suas histórias e ações para vencer os desafios do mundo moderno e falaram sobre as dores e as oportunidades

que a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) trouxe ao mundo e ao Brasil.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Flávio Roscoe, ressaltou que o papel das entidades de classes é fundamental não apenas diante de crises e desafios como os trazidos pela pandemia, mas para a construção de um legado sólido para a sociedade, a partir da união e da sinergia de ações. Para ele, esta é a melhor forma de fazer mais com menos em prol da sociedade.

“O mundo atual já não abre espaço para quem está preocupado apenas em propagar seu nome, e sim com a missão e o melhor uso de recursos. É uma entidade como a Fiemg pode contribuir com cada atuação, unindo forças para o ganho de valor”, explicou.

Para a presidente Fundação Pitágoras, Helena Neiva, a aliança intersectorial é o grande caminho para a transformação da sociedade. Ela defendeu que isso nada mais é que

somar forças de governo, empresas e fundações na busca de um propósito comum.

“Esse formato de aliança é o que fundação trabalha em todos os projetos de impacto social que implementa junto à educação pública, ao sistema prisional e à primeira infância, por exemplo. Sozinhos não conseguimos fazer muita coisa”, justificou.

O fundador e presidente do Conselho Administrativo da MRV, Rubens Menin, argumentou que o capitalismo precisa ser aprimorado e que os próximos anos tendem a ser marcados por uma mudança ainda mais evidente no comportamento de pessoas e empresas. Ele destacou que enquanto cerca de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos vão para ações de filantropia, no Brasil, este índice é de apenas 0,2%.

“A filantropia é um caminho para mudar o mundo, mas a capacidade da sociedade civil organizada intervir ainda é muito baixa. A pandemia veio apressar este processo e

logo teremos um novo legado por parte daqueles que entenderem que essa é a nova regra do jogo”, defendeu.

Menin destacou ainda que o mundo atual exige que as empresas sejam competentes, eficientes, éticas, preocupadas e engajadas com causas sociais, compartilhando mais e pensando mais no próximo. E falou que a união que tem ocorrido em Minas Gerais no combate ao novo coronavírus já é fruto desta mudança. Par ele, a crise imposta pela doença mostrou a capacidade de mobilização e solidariedade das empresas.

Neste sentido, o CEO da ArcelorMittal Aços Longos, Jefferson de Paula, ressaltou a importância de empresas e instituições irem além na construção de seus legados. Para ele, muitas ações, embora positivas, compõem apenas uma mobilização conjuntural que não trará ganhos sólidos no longo prazo.

“O Brasil não pode continuar com a distribuição de renda e a desigualdade social que tem. Mas não

vamos sair desta situação apenas com ações conjunturais. E se podemos olhar algum lado positivo desta pandemia é a oportunidade que ela nos dá de promover uma mudança estrutural”, resumiu.

O diretor de Mineração e Matérias-Primas na Gerdau, Wendel Gomes, chamou a atenção para o período pós-pandemia e os impactos econômicos que virão. Ele lembrou que a doença chegou ao Brasil em um momento em que a economia começava a se recuperar e destacou que Minas Gerais tem se po-

sicionado positivamente.

“O caminho do maior esforço ainda vem pela frente, quando precisaremos de segurança econômica e jurídica para voltar a investir no curto prazo, pensando, inclusive, no legado para além dos muros das empresas, que geram riqueza não apenas em empregos diretos e indiretos, mas permeando a sociedade”, defendeu.

“Construção de algo melhor” - Por fim, a presidente e diretora Editorial do DIÁRIO DO COMÉRCIO, Adriana Muls, destacou que palavras como empatia, compaixão, cuidado e amor marcaram o painel de abertura do seminário *on-line*, enquanto expressões como transformar a sociedade, diminuir a desigualdade social e a necessidade de união permearam o último. “Isso é, na verdade, a abertura para a construção de algo melhor”, finalizou.



Adriana Muls destaca a abertura para a construção de “algo” melhor